

DIFICULDADES NA EDIÇÃO DE MANUSCRITOS LATINOS MEDIEVAIS DE LIÇÃO ÚNICA¹

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO

Palavras-chave: Crítica Textual, Latim Medieval, manuscrito único.

Keywords: Textual Criticism, Medieval Latin, single manuscript.

O manuscrito único parece, à primeira vista, mais fácil de editar. Do ponto de vista da *recensio*, é-o, de facto. Mas no tocante à *emendatio*, a dependência de uma lição única e a ausência de variantes que possam lançar alguma luz sobre conjecturas possíveis, a partir de leituras erradas, ou sobre lições alternativas deixam o editor crítico, muitas vezes, na escuridão total. A lição única restringe a liberdade especulativa do editor e dificulta a aplicação de uma maior flexibilidade e fiabilidade conjecturais decorrentes da análise das variantes. Nem sempre, para não dizer raramente, é possível imputar os erros exclusivamente ao copista ou ao autor.

As dificuldades e dúvidas também se fazem sentir no plano dos critérios ortográficos a adoptar, sobretudo quando se trata de textos latinos medievais.

Martin West sublinha essas dificuldades a propósito de textos latinos tardios e vulgares:

¹ As reflexões aqui expostas foram suscitadas por ocasião da edição crítica de um texto que chegou até nós por um manuscrito único e demonstram em que medida estes princípios gerais da metodologia, então gizada, se encontram em consonância com as propostas defendidas por vários dos teorizadores da Crítica Textual e particularmente da Crítica Textual de textos latinos medievais. O texto em causa é o do códice nr. 3634 do Fundo Latino da Biblioteca Apostólica Vaticana, intitulado *Martirium pariter et gesta magnifici ac potentis Infantis Domini Fernandi, magnifici ac potentissimi Regis Portugalie filii, apud Fez pro fidei zelo et ardore et Christi amore* (doravante: *Martyrium et Gesta...*)

O texto encontra-se por nós editado na obra: *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi: A biografia latina de D. Fernando, O Infante Santo*. Lisboa: FCG, FCT - Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2007.

Os textos tardios ou vulgares suscitam outras dificuldades: é, muitas vezes, impossível distinguir entre os barbarismos dos copistas e os do original. Nesta situação, mais do que impor um sistema consistente, que só pode ser seleccionado de uma forma um pouco arbitrária, é preferível seguir a parádose, não na ilusão de que ela é de algum modo digna de confiança, mas como forma mais conveniente de ela ser apresentada. (West 91)²

Se os textos tardios e vulgares dificultam assim o trabalho ao editor crítico, o que não dizer dos textos medievais e em particular dos problemas que, neste aspecto, o manuscrito único de um texto latino medieval suscita?

Edmond Faral estudou o caso da edição do manuscrito único. Depois de ter chegado a uma fase em que tudo apontava para que o editor crítico se sentisse vinculado pelo texto do manuscrito único, Faral lança a seguinte questão: “Devra-t-il (l’éditeur) suivre aveuglément un scribe qui a pu être distrait, négligent, ou même, d’aventure, un sot n’entendant rien ou ne portant aucun intérêt à ce qu’il écrivait?”

Este ponto de vista não é novo e já havia sido invocado por Erasmo quando, no seu importantíssimo labor de crítica textual bíblica, a sua intervenção crítica na correcção das Sagradas Escrituras foi considerada quase como criminosa³.

Sobre o caso do texto conservado num único exemplar – seja ele original editado, o próprio autógrafo ou uma mera cópia de qualquer um dos outros dois anteriores –, Robert Marichal (1271) salienta que “l’original peut être fautif comme la copie”. E aduz o exemplo de Lessing que enviou uma carta ao seu editor procurando corrigir um erro que se havia esquecido de assinalar nas provas tipográficas. A carta não chegou a tempo. Se o editor moderno, continua Marichal, tem o dever de incluir no texto crítico esta correcção – certificada pela carta do autor – por que razão, pergunta ele, não o deveria ele ter se a carta de Lessing se tivesse perdido?

Marichal parece preconizar uma atitude mais interventora por parte do editor. Todavia, só defende esse princípio no que diz respeito às correcções. Mais adiante, afirma que “en dehors des corrections, dans le cas d’une seule copie ou du manuscrit original, le devoir de l’éditeur est de

² Sobre o conceito de ‘parádose’, vd. West 65.

³ Vd. Bainton 135. Justificava-se perguntando como é que os erros de um copista negligente podiam ser aceites pacificamente e a correcção dos mesmos podia ser considerada crime.

les reproduire le plus exactement possible” (1273).

De modo a equacionar uma intervenção mais determinante do editor na restauração do arquétipo ou do “discurso interior” do autor com o respeito que deve merecer o texto, sobretudo se este for transmitido por um único manuscrito, Faral avança duas soluções. A primeira seria a de reproduzir o texto, mesmo de forma ininteligível, propondo as correcções em nota. Embora este método deixe ao leitor a liberdade de interpretar o texto, torna a leitura fastidiosa devido às interrupções impostas pelas sucessivas dificuldades interpretativas que acabam por funcionar como ruído no sistema da comunicação literária. A segunda solução passa pela inserção das correcções no texto e a remissão para o aparato das lições consideradas erróneas, tornando, assim, a leitura mais fluida e agradável.

Uma e outra proposta têm as suas vantagens e inconvenientes. A solução ideal seria o meio-termo, como salienta Faral (411) logo a seguir: “Encore ne faut-il point passer d’un extrême à l’autre; et c’est à chercher un équilibre qu’il est bon de s’employer”. No entanto, “pour y atteindre, il n’est pas de règle (...)”.

Outra questão importante, no caso de manuscritos medievais, diz respeito à ortografia: qual é a atitude mais correcta?

Efectivamente, a matéria mais problemática e controversa que se depara ao editor de textos medievais no estabelecimento de uma edição crítica é, sem dúvida, a questão dos critérios ortográficos a adoptar⁴, uma vez que, ao longo da Idade Média, não existiam normas ortoépicas e ortográficas, sincrónica e diacronicamente válidas⁵. É, no fundo, o eterno dilema entre a grafia fonética ou a grafia etimológica, com que ainda hoje nos debatemos em várias línguas modernas, começando pelas revisões ortográficas da Língua Portuguesa⁶.

⁴ Vd. Cencetti e Tognetti. Cf. também Bertini, que expõe, de forma clara e sucinta, os problemas, dúvidas e dilemas com que o editor crítico é confrontado, repartido entre as várias doutrinas da Ecdótica. Cf. ainda Guinot (80 sq) que expõe os problemas da grafia com que os editores das *Sources Chrétiennes* se debateram e explica como foram resolvidos. A normalização e uniformização foram os critérios adoptados. Salvo casos passíveis de suscitar ambiguidade, os *orthographica* nem sequer foram consignados no aparato.

⁵ À excepção, naturalmente, dos esforços normativos e uniformizantes dos Renascimentos medievais, nomeadamente do carolíngio, que recuperou as regras da latinidade clássica como referência.

⁶ Esta problemática é inerente a todas as línguas, antigas ou modernas. A própria evolução da grafia procura, de um modo geral, acompanhar a evolução fonética. No caso da língua latina, já Quintiliano (*Inst.*, 1. 7. 30) defendia a adaptação da grafia à fonética: “Ego, nisi

As discrepâncias e incoerências ortográficas – decorrentes, muitas vezes, das variações gramaticais, nos planos sincrónico e diacrónico, com implicações importantes na fonética, certamente por influência das línguas vernáculas emergentes – verificavam-se não apenas entre países ou regiões, mas também entre autores, de obra para obra e até no seio da mesma obra, fruto sobretudo das hesitações do copista, em função da sua maior ou menor competência linguística⁷.

A normalização ortográfica está, por outro lado, intrinsecamente relacionada com a tendência polémica, ainda que compreensível, de se pretender aquilatar o valor da língua e literatura latinas medievais através de parâmetros clássicos.

Alguns dos maiores estudiosos da Idade Média latina procuraram insistentemente combater esse preconceito mesmo na área da Crítica Textual.

É nesta perspectiva que Karl Strecker (14) explora a problemática da edição de textos latinos medievais:

(...) strangely enough, it is often believed that a Medieval Latin text may be edited according to standards which are quite different from those we expect in an edition of a Classical or Middle High German text. Such misconceptions have given rise to non-existent constructions, completely impossible word meanings, and interpretations which can be recognized immediately as products of the editors' fertile imaginations. Usages which are quite common to Medieval Latin are treated as though they were peculiarities of the author concerned, a "license" which he has allowed himself. This, of course, is inexcusable. A Medieval Latin source must not be dealt with as if it existed in a vacuum; it must not be judged externally or

quod consuetudo optinuerit, sic scribendum quidque iudico, quomodo sonat". Não admira, pois, que o latim, na Idade Média, seguisse as mesmas tendências seculares.

⁷ Como sublinha Spina (112 sq), "a cultura do copista – ou a sua ignorância –, bem como a profissão ou o sentimento patriótico, sua religião e até a sua naturalidade, podem intervir na prática do erro". Vd. exemplos nas pp. 124 sqq. Cf. ainda e. g. Contenson, que se lamenta assim da incoerência ortográfica dos copistas:

"En effet, les divers témoins du texte ne sont pas cohérents entre eux et selon leur époque témoignent d'usages orthographiques très divers; en outre, à l'intérieur d'un même manuscrit, même dû à un seul copiste, il n'y a pas au plan de l'orthographie la cohérence qu'attendraient des esprits modernes" (68).

Lembremos, além disso, que, na Idade Média, a leitura era sempre realizada em voz alta, fosse ela colectiva (no refeitório, por exemplo), fosse ela individual. Por isso, talvez mais do que a escrita, era a leitura uma arte. Não admira, pois, que nem todos os que sabiam ler soubessem também escrever. Sobre esta questão, vd. Wendehorst "Monachus", Schmidt e Wendehorst "Mittelalter". Sobre uma tipologia dos escribas e respectivas atitudes vd. d'Alverny, muito particularmente as pp. 42-43.

DIFICULDADES NA EDIÇÃO DE MANUSCRITOS LATINOS MEDIEVAIS DE LIÇÃO ÚNICA

extraneously, but, instead it must be studied from the standpoint of those intrinsic laws which have evolved within this language itself.

Karl Langosch (“Wesen” 334) reforça a união umbilical entre os dois conceitos de língua e literatura: “A literatura latina medieval encontra-se numa língua que se desenvolveu, de forma natural, a partir do latim clássico, designadamente a partir da sua última fase histórica: o latim tardio⁸⁷”.

O mesmo medievalista latino confronta a extensão cronológica da Antiguidade Clássica com a da Idade Média (em que esta supera aquela em dois séculos) e a expansão geográfica do latim clássico com a do latim medieval (em que o último abrange não apenas os territórios da *Romania*, mas também os da *Germania*). Desta primeira análise infere que a consequência directa destas duas realidades resulta num incremento da produção literária, tanto em termos sincrónicos (designadamente a nível das variações diatópicas), como diacrónicos, relativamente ao que se passava na Antiguidade Clássica.

A título comparativo, salientemos com Theresia Payr (475), responsável pela organização dos ficheiros do *Mittellateinisches Wörterbuch*, que o MLWB, que diz apenas respeito aos textos latinos oriundos da Europa de língua alemã e que, portanto, “ne recense qu’un fragment de la littérature latine médiévale, doit traiter avec ses 750 auteurs, deux fois plus d’œuvres au moins que le *Thesaurus linguae latinae*”. Quantos múltiplos não serão, se juntarmos a estes os autores insulares, os escandinavos, os do Leste da Europa e sobretudo os da *Romania*? Ninguém sabe! Um artigo de Anne-Marie Bautier, embora já desactualizado, permite uma ideia aproximada da vastidão do *corpus* textual latino medieval na Europa, da Finlândia e Suécia à Catalunha e da Irlanda à Hungria, Chéquia e Eslováquia!

Finalmente, após ter feito a apologia do latim medieval enquanto língua materna – na sua forma escrita, mas também oral – nos primeiros séculos da *Romania*, língua da Igreja, da cultura, da ciência e da comunicação universal, Langosch (“Originalität” 15) pergunta se uma literatura com este âmbito pode ser considerada um mero apêndice da literatura da Antiguidade Clássica.

Nesta perspectiva, há que considerar o latim medieval, independentemente do latim clássico, como uma fase autónoma da língua

⁸ No original: “Die mittellateinische Literatur ist in einer Sprache gehalten, die sich auf natürliche Weise aus dem antiken Latein entwickelt und zwar aus dessen historisch letzten Stadium, dem Spätlatein”.

latina. O latim medieval deve ser concebido como um organismo que possui uma vida própria, com características que lhe são inerentemente peculiares e que valem por si, ainda que estas possam ser “menos clássicas” na forma e no sentido, na morfologia e na sintaxe, ou devidas à evolução semântica e à constituição de neologismos, frequentemente por influência da evolução paralela dos outros organismos vivos coevos: as línguas vernáculas.

O absurdo da afirmação de que o latim medieval é uma degenerescência ou uma fase decadente do latim clássico, conceito em que ainda hoje alguns erradamente persistem, corresponderia, aplicando-a à língua portuguesa, a algo deste género: “o português de hoje, afastado que está em termos fonéticos, morfológicos, sintácticos, semânticos e ortográficos do português de Camões ou de Vieira, tendo absorvido tantos estrangeirismos, muitos dos quais *ipsis verbis*, é um português decadente, morto”.

Se reconhecemos o absurdo desta afirmação relativamente ao português – exactamente porque consideramos que uma língua é um organismo vivo, em constante crescimento e evolução ao sabor do falante –, devemos também aplicar as leis e fenómenos das línguas vivas às transformações linguísticas operadas ao longo da Idade Média, porque o latim medieval era, efectivamente, uma língua viva. Paul Lehmann (“Leben” 65 sqq), Karl Langosch, Karl Strecker e muitos outros vultos da Filologia Latina Medieval não se cansam de o sublinhar.

Além disso, as tendências consuetudinárias desenvolveram normas tácitas que eram consideradas na Idade Média perfeitamente ortodoxas, mesmo que a essência dessas regras consistisse na incoerência em si. Até que ponto é, pois, lícito normalizar, “corrigir” algo que o homem medieval considerava já por si perfeitamente “normal”⁹?

Por isso, e tal como preconiza Norbert Fickermann, citado por Fuhrmann, o texto deve corresponder ao original do autor, quer no tocante à gramática, quer no concernente à ortografia: “a linguagem de um autor deve ser compreendida e respeitada enquanto *facto histórico*”¹⁰. Convém sublinhar que se trata aqui de se restaurar o arquétipo quentiniano do autor – que também pode cometer erros involuntários, como vimos, no exemplo de Lessing –, resultante do “discurso interior” do autor, objectivo almejado pela crítica lachmanniana, em vez de nos fixarmos exclusivamente na

⁹ Como afirma Enzo Cecchini (85), “si tratta di cose medioevali, dunque stravaganti e prive di regole precise”.

¹⁰ Norbert Fickermann *apud* Fuhrmann 25 sq.

DIFICULDADES NA EDIÇÃO DE MANUSCRITOS LATINOS MEDIEVAIS DE LIÇÃO ÚNICA

versão manuscrita, caindo, assim, na falácia da crítica bedieriana que absolutiza a chamada “versão do escriba” – o arquétipo da variante de manuscritos privilegiada pelo editor¹¹.

Insistimos no dilema com que o editor de textos medievais é confrontado: normalizar ou não normalizar?

O latim clássico foi sempre, ao longo de toda a Idade Média, a norma pela qual os autores medievais se orientaram. Sendo, pois, o latim clássico a base do latim medieval e graças à preponderância da dimensão científica que sempre granjeou no espectro filológico¹², ele deve servir de ponto de referência relativamente ao qual, por sua vez, se torna necessário registar as divergências linguísticas do latim medieval. Este processo deve ser desenvolvido no espírito dos objectivos que os fundadores do estudo científico do latim medieval e respectivos sucessores imediatos nas cátedras preconizaram para a Filologia Latina Medieval.

Não esqueçamos que o cotejo entre as características da linguística latina medieval e as do latim clássico pretende, acima de tudo, estabelecer o cânone das características do latim medieval – um dos objectivos da Filologia Latina Medieval – numa obra, num autor, numa região, num país, tanto a nível sincrónico como diacrónico, isto, evidentemente, sem menosprezar, muito pelo contrário, as ilações de natureza literária, histórica, sócio-cultural, religiosa, etc. que podem ser destiladas desse confronto linguístico.

Lembremos que estamos a discutir a elaboração de uma edição crítica,

¹¹ Vd. Bédier e Quentin.

São muitos os autores que trataram e aprofundaram estas problemáticas nas suas obras. O método bedieriano encontra-se exposto de forma clara e sucinta em Walberg, e foi ainda discutido por Castellani. Digna de referência é ainda a obra de Collomp, que analisa as propostas de Bédier nas pp. 65 sqq. e as de Quentin nas pp. 72 sqq.

As revistas científicas também reflectiram os dilemas vividos pelos especialistas em ecđótica. A famosa revista *Studi Medievali*, por exemplo, foi palco, nos anos 70 e 80, de uma disputa acérrima entre dois estudiosos: A. G. Rigg, director ou editor responsável pela colecção dos *Toronto Medieval Latin Texts* e J. B. Hall. Este, em recensão a volumes da referida colecção, recriminou duramente Rigg por admitir no texto lições claramente erradas ou sem sentido e até versos *contra metrum*. Rigg respondeu, acusando Hall de ignorante por não ter em conta a especificidade da latinidade medieval, bem diferente da clássica. Bertini (110) critica – e com razão – este primado exacerbado do texto, proposto por Rigg, afirmando que “isto significa matar a actividade do crítico do texto, cuja tarefa principal é precisamente a de julgar, decidir e escolher”.

¹² Recordemos que grande parte dos estudiosos do latim medieval, entre os quais se incluem alguns dos fundadores do estudo científico do latim medieval – Wilhelm Meyer, Ludwig Traube, Paul von Winterfeld, por exemplo –, iniciaram a sua actividade na Filologia Clássica.

intrinsecamente de índole científica, que visa o interesse de um público erudito e, por conseguinte, mais restrito. Já a uma edição de natureza didáctica subjaz a intenção de tornar o texto mais acessível a um público menos especializado e, portanto, mais vasto¹³. No caso particular de um filólogo, o seu interesse por uma edição crítica impõe o respeito pelo texto e manutenção das respectivas características fonéticas, morfológicas, sintácticas, ortográficas, das quais se poderão tirar ilações de natureza diversa que não se confinam à história da língua¹⁴. Einar Löfsted, por exemplo, afirma que o texto de Egéria, numa edição normalizada, perderia todo o valor que representa para o estudo da evolução da língua latina. Giovanni Polara (39) também alerta para os perigos de uma normalização excessiva:

non è accettabile infatti che vadano del tutto perdute le caratteristiche individuali dell'opera o dei suoi testimoni sul piano dell'ortografia, perchè esse, anche se non immediatamente rilevanti ai fini della fruizione del testo, possono però e debbono essere in qualche modo messe a disposizione di chi intenda usare quel medesimo testo ai fini di rilevamenti formali di altro genere.

Poderia eventualmente conciliar-se uma e outra posição (mais e menos normalizadora) mediante um aparato crítico essencialmente ortográfico. A remissão para nota das variantes ortográficas salvaguardaria todas as características e particularidades linguísticas do texto, com especial interesse não só para os medievalistas latinos, como para os estudiosos das línguas vernáculas que pretendam aplicar uma investigação comparativista ao texto latino. Mas isso implicaria a constituição de um aparato crítico demasiado extenso e desproporcionado ao respectivo texto.

Ferruccio Bertini dá razão aos que afirmam que a normalização clássica de um manuscrito medieval cria uma barreira artificial entre o manuscrito e o texto impresso¹⁵. Já nos parece mais controverso que a normalização torne “difficile agli studenti la lettura del latino che ricorre abitualmente nei manoscritti e li induce a credere che i copisti medievali

¹³ Há ainda que distinguir os diferentes níveis dos objectivos didácticos da edição de um texto latino medieval: para alunos de História, por exemplo, importará essencialmente o conteúdo, enquanto, para alunos de Latim, interessará sobretudo a língua. A apresentação e tratamento do texto divergirão ainda consoante o nível escolar dos alunos (universitários ou apenas liceais), os programas e os planos curriculares vigentes nos diversos países em que o latim (medieval) é ensinado, etc.

¹⁴ Como, aliás, pudemos comprovar no nosso estudo linguístico do *Martyrium et Gesta...*

¹⁵ É essa a posição de Rigg. Vd. Bertini 109 sq.

fossero ignorantí e non conoscessero l'ortografia”¹⁶. Numa primeira fase do seu currículo escolar, o estudante medievalista deverá adquirir as competências necessárias ao domínio do latim clássico. Perante um manuscrito medieval, o estudante realiza um trabalho mental, ainda que inconsciente e involuntário, de normalização, estabelecendo relações com os paradigmas gramaticais clássicos que lhe são conhecidos. Se esse trabalho de contacto permanente com o manuscrito for exercitado com regularidade, não há qualquer receio de que uma edição “não-corrigida” exponha os estudantes às “deficiências” ortográficas de um texto medieval.

Concordamos com Bertini quando diz que se deve respeitar ao máximo o documento, mas dentro dos limites consentidos pelo bom senso e pela ética profissional¹⁷. Foi isso que tentámos fazer no estabelecimento crítico do texto do *Martyrium et Gesta...*, pois a tanto nos obrigava a responsabilidade da organização de uma *editio princeps*, mas não deixámos de, sempre que possível e tanto quanto o permitiam os elementos textuais e a própria investigação, tentar destilar a *propria auctoris scriptura* entre os erros e alterações, imputáveis, com segurança, exclusivamente ao escriba.

Se assim não fizessemos, estaríamos a absolutizar o texto manuscrito e, nesse caso, em vez de uma edição crítica, seria preferível constituir uma edição diplomática ou fac-similada, pois, parafraseando Marichal (1273), a verdadeira edição diplomática é a fotografia, embora o simples fac-símile não baste, uma vez que, como reconhece o mesmo Robert Marichal, “une photographie n'est jamais d'une fidélité intégrale: on y distingue mal les ratures, lavages, surcharges, changements d'encre, etc.”¹⁸. É esse o caso, por exemplo, no fl. 1^v do *Martyrium et Gesta...* Se não tivéssemos compulsado o próprio manuscrito, não teria sido possível ler algumas das palavras que se encontram no verso da inicial ornamentada do fl. 1^r.

Como já tivemos ocasião de referir, Ferruccio Bertini (109) é peremptório, no que diz respeito à ortografia, e exclui, na edição do manuscrito único, toda e qualquer tentativa de normalização. Só restam, em sua opinião, dois caminhos ao editor crítico: tentar reconstituir o original do autor, incluindo a ortografia, ou confiar na versão do escriba. Confessa, todavia, não ser possível estabelecer *a priori* qual das duas possibilidades será a mais correcta, pois cada texto é um caso.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Bertini 112.

¹⁸ *Ibidem*.

Giovanni Polara e Enzo Cecchini designam estas duas possibilidades de “dois perigos opostos”:

A coloro che si trovano, e non solo occasionalmente, a pubblicare testi mediolatini, capita di correre due pericoli opposti. Da un lato (...) l'impulso ad emendare o 'normalizzare' (...). Dall'altro (...) la tendenza a prendere per buona la tradizione testuale, comunque essa si presenti... (Cecchini 85)

Forçados a optar entre Cila e Caríbdís há que procurar o meio-termo. O equilíbrio alvitrado por Faral (411), a que já fizemos alusão, deve ser o almejo de qualquer editor no estabelecimento do texto crítico.

Polara (39) também preconiza a procura desse equilíbrio, entre a tentativa de “ricostruire un presunto organico sistema ortografico dell'autore” e o outro oposto que é a “riproposizione indiscriminata dell'*optimus codex*”; mas especifica a solução para este problema: “meglio in fondo un intervento convenzionale ma non anacronistico”.

Podemos, pois, concluir que a edição crítica de um texto, ressaltando os critérios pragmáticos que lhe subjazem, não deve cair na absolutização do manuscrito, nem na normalização excessiva, donde resultaria um texto anacrónico. A atitude a adoptar pode, por isso, divergir de texto para texto, de autor para autor. Além de submeter o texto a uma análise judiciosa das variantes, congruentes ou consentâneas com a respectiva época de redacção, o editor crítico deve procurar ser fiel, tanto quanto possível, à parádoxe, tendo em conta a fonética da época, e pautar a sua intervenção por critérios editoriais (incluindo os ortográficos) previamente estabelecidos¹⁹.

¹⁹ Sobre a aplicação destes princípios ao *Martyrium et Gesta...*, vd. Rebelo 22-25.

BIBLIOGRAFIA

- Bainton, Roland H. *Erasmus of Christendom*. New York: Charles Scribner's Sons, 1969.
- Bautier, Anne-Marie. "La lexicographie du latin médiéval. Bilan international des travaux". *La lexicographie du latin médiéval et ses rapports avec les recherches actuelles sur la civilisation du Moyen-Âge, Actes du colloque international... Paris, 18-21 octobre 1978* (Colloques internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique; 589). Ed. Yves Lefèvre. Paris, 1981. 432-453.
- Bédier, Joseph. "La tradition manuscrite du "Lai de l'ombre". Réflexion sur l'art d'éditer les anciens textes". *Romania* 54 (1928): 161196 e 321356.
- Bertini, Ferruccio. "Recenti Edizioni di Testi Latini del XII secolo: Esperienze e Polemiche". *Grafia e Interpunzione del Latino nel Medioevo, Seminario Internazionale, Roma 27-29 settembre 1984*. Ed. Alfonso Maierù. Roma, 1987. 103-112.
- Castellani, A. *Bédier avait-il raison? La méthode de Lachmann dans les éditions de textes du Moyen Âge* (Discours universitaires, N. S. 20). Fribourg, 1957.
- Cecchini, Enzo. "Filologia e strumenti lessicografici", *L'edizione di Testi mediolatini. Problemi pettite. Testi della VIII Settimana Residenziale di studi medievali. Carini, 24-28 ottobre 1988* (Scriinium. Quaderni ed estratti di Schede Medievali, 15). Palermo, 1991. 84-92.
- Cencetti, G. "Progetti di unificazione delle norme per la pubblicazione delle fonti medioevali", *Atti del Convegno di studi delle fonti del medioevo europeo...* Ed. Istituto storico italiano per il Medio Evo. Roma, 1957. 26-27.
- Collomp, P. *La critique des textes* (Publication de la Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg, 6). Strasbourg, 1931.
- Contenson OP, Pierre Marie de. "L'édition critique de S. Thomas d'Aquin. Principes, méthodes, problèmes et perspectives". *Probleme der Edition mittel- und neulateinischer Texte. Kolloquium der Deutschen Forschungsgemeinschaft, Bonn, 26-28. Februar 1973*. Edd. Ludwig Hödl und Dieter Wuttke. Boppard, 1978. 55-73.
- d'Alverny, Marie Thérèse. "Notes et observations au sujet des éditions des textes médiévaux". *Probleme der Edition mittel- und neulateinischer Texte. Kolloquium der Deutschen*

- Forschungsgemeinschaft, Bonn, 26-28. Februar 1973. Edd. Ludwig Hödl und Dieter Wuttke. Boppard, 1978. 41-54.*
- Faral, Edmond. "A propos de l'édition des textes anciens – le cas du manuscrit unique". *Recueil de travaux offert a M. Clovis Brunel, Membre de l'Institut, Directeur honoraire de l'Ecole des Chartes, par ses amis, collègues et élèves* (Mémoires et documents; 12), Paris, 1955, 2 vols, vol. 1, 409-421.
- Fickermann, Norbert. "Thietmar von Merseburg in der lateinischen Sprachtradition. Für eine sprachgerechtere Edition seiner Chronik". *Jahrbuch für die Geschichte Mittel - und Ostdeutschlands* 6 (1957): 21-76.
- Fuhrmann, Horst. "Überlegungen eines Editors". *Probleme der Edition mittel- und neulateinischer Texte. Kolloquium der Deutschen Forschungsgemeinschaft, Bonn, 26-28. Februar 1973. Edd. Ludwig Hödl und Dieter Wuttke. Boppard, 1978. 1-34.*
- Guinot, Jean-Noël. "Les textes latins médiévaux dans la collection «Sources Chrétiennes»: une résurgence du courant patristique". *L'edizione di Testi mediolatini. Problemi metodi prospettive.* (Testi della VIII Settimana Residenziale di studi medievali. Carini, 24-28 ottobre 1988) *Scrinium. Quaderni ed estratti di Schede Medievali* 15). Palermo, 1991. 66-83.
- Langosch, Karl. "Das völkische Wesen der mittellateinischen Sprache und Literatur". *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte* 18 (1940): 328-350.
- . "Die Originalität der mittellateinischen Literatur". *Wirkendes Wort. Beihefte* 16 (1966): 7-24, reproduzido também in Langosch, Karl, *Kleine Schriften (Spolia Berolinensia 1)*. Edd. Paul Klopsch, Wolfgang Maaz, Jürgen Stohlmann und Fritz Wagner. Hildesheim-München-Zürich: Georg Olms Verlag – Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1986. 67-84.
- . "Mediävistik. Abschiedsvorlesung, gehalten am 10. Juli 1969 an der Universität Köln". *Kleine Schriften, (Spolia Berolinensia 1)*. Edd. Wolfgang Maaz Paul Klopsch, Jürgen Stohlmann und Fritz Wagner. Hildesheim-München-Zürich: Georg Olms Verlag – Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1986. 333-347.
- Lehmann, Paul. "Vom Leben des Lateins im Mittelalter". *Bayerische Blätter für das Gymnasialschulwesen* 65 (1929): 65-82, reproduzido também em Lehmann, Paul, *Erforschung des Mittelalters*. Leipzig, 1941.

DIFICULDADES NA EDIÇÃO DE MANUSCRITOS LATINOS MEDIEVAIS
DE LIÇÃO ÚNICA

- Löfstedt, Einar. *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*. Uppsala, 1911 (reimpr. Darmstadt, 1962).
- Marichal, R. “La critique des textes”. *L’histoire et ses méthodes* (Encyclopédie de la Pléiade, 11). Ed. Ch. Samaran. Paris, 1961. 1247-1360.
- Payr, Theresia. “Dictionnaire du latin médiéval. Remarques sur la méthode”. *La lexicographie du latin médiéval et ses rapports avec les recherches actuelles sur la civilisation du Moyen-Âge, Actes du colloque international... Paris, 18-21 octobre 1978* (Colloques internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique; 589). Ed. Yves Lefèvre. Paris, 1981. 473-479.
- Polara, Giovanni. “Problemi di Ortografia e di Interpunzione nei Testi Latini di Età Carolina”. *Grafia e Interpunzione del Latino nel Medioevo, Seminario Internazionale, Roma 27-29 settembre 1984*. Ed. Alfonso Maierù Roma, 1987. 31-51.
- Quentin, Dom Henri. *Essais de critique textuelle (Ecdotique)*. Paris, 1926.
- Rebelo, António Manuel Ribeiro. *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi. A biografia latina de D. Fernando: O Infante Santo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior, 2007.
- Schmidt, W. “Vom Lesen und Schreiben im späten Mittelalter”. *Festschrift Ingeborg Schröbler (Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur 95.2)*. Ed. Dietrich Schmidtke u. Helga Schüppert. Tübingen: Niemeyer, 1973. 309-327.
- Spina, Segismundo. *Introdução à Edótica*. São Paulo, 1977.
- Strecker, Karl. *Introduction to Medieval Latin, English translation and revision by Robert B. Palmer*. Berlin, 1957.
- Tognetti, G. “Questioni che si incontrano nell’edizione di fonti storiche. La grafia”. *Rassegna degli Archivi di Stato* 2-3 (maggio-dicembre 1973): 265-281.
- Walberg, E. “Prinzipien und Methoden für die Herausgabe alter Texte nach verschiedenen Handschriften. Eine Orientierung”. *Zeitschrift für Romanische Philologie* 51 (1931): 665-678.
- Wendehorst, Alfred. “Monachus scribere nesciens”. *Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung* 71 (1963): 67-75.
- . “Wer konnte im Mittelalter lesen und schreiben?”, *Schulen und Studium im sozialen Wandel des hohen und späten Mittelalters*

(*Vorträge und Forschungen*; 30). Ed. Johannes Fried. Sigmaringen, 1986. 9-34.

West, M. L. *Crítica textual e técnica editorial aplicável a textos gregos e latinos*. Trad. António Manuel Ribeiro Rebelo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RESUMO: O autor analisa doutrinas variadas sobre a edição crítica de textos latinos medievais, procurando lidar, de forma satisfatória, com as regras e procedimentos preconizados pelas diversas teorias de crítica textual aplicável a textos latinos medievais, particularmente aos de manuscrito único.

ABSTRACT: The author discusses several opinions on the critical edition of medieval latin texts, trying to find a satisfactory way of handling the multiplicity of theories and procedures applicable to textual criticism of medieval latin texts, especially those preserved in only one manuscript.